

The book cover features a minimalist design. A large, vibrant red shape, resembling an open book or a stylized 'V', dominates the center. This red shape is bordered by a dark green material at the top and bottom, which also forms the outer edges of the cover. A thin, vertical white line runs down the center of the red area, acting as a visual axis. The text is positioned in the upper left quadrant of the red field.

Edmar de Almeida

FIO DA MEMÓRIA

Este livro foi escrito por Edmar de Almeida em conversa com Alice Almada e Raul dos Santos.

A conversa-documento foi elaborada durante diversos encontros entre junho e dezembro de 2022, na casa de Edmar em Uberlândia, Minas Gerais e faz parte da publicação “Arquitetura Através do Encontro”.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
COLEGIADO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA / TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Aos 7 dias do mês de julho de 2023, às 15 h 00 min, o/a estudante Alice Almada Campos, matrícula 2017095170, defendeu o Trabalho intitulado “A arquitetura através do encontro: conversas entre Edmar de Almeida e Lina Bo Bardi” tendo obtido a média (100) .

Participaram da banca examinadora os abaixo indicados, que, por nada mais terem a declarar; assinam eletronicamente a presente ata.

Nota: 100 (cem)

Orientador(a): Renata Moreira Marquez

Nota: digitar a nota em numeral (escrever a nota por extenso)

Coorientador(a), se houver: nome completo do coorientador

Nota: 100 (cem)

Examinador(a): Priscila Mesquita Musa

Nota: 100 (cem)

Examinador(a): Iazana Guizzo

Nota: digitar a nota em numeral (escrever a nota por extenso)

Examinador(a): nome completo do examinador



Documento assinado eletronicamente por **Renata Moreira Marquez, Professora do Magistério Superior**, em 07/07/2023, às 17:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Mesquita Musa, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 07/07/2023, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Iazana Guizzo, Usuário Externo**, em 12/07/2023, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

- 8** **Duas amizades**
- 16** **Lina Bo Bardi, arquiteto.**

DUAS IGREJAS

- 21** **A igreja pobre do Cerrado**
- 25** **Santa Maria dos Anjos**
- 33** **A queda de Lúcifer**
- 35** **A cifra dos neoplatônicos**

AMIGOS E MEDOS

- 38** **Brasília**
- 41** **Wega Nery**
- 44** **Yolanda Mohalyi**
- 47** **Dora Ferreira da Silva**
- 50** **Hippie Chique**
- 54** **Mira Schendel**
- 54** **Wega Nery**
- 57** **Janete Costa**
- 60** **Silêncio e Trabalho**

- 62** **REPASSOS, UM ÊXTASE**

A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE



Duas amizades

Vamos chamá-la de Dona Lina. Nisso eu prefiro como o Caetano e o pessoal da Bahia: Dona Lina. A irmã dela, Graziela Vallentinete, não gostava que as pessoas mais jovens a chamassem de Lina. Ela sempre falava Dona. Comigo não foi preciso que me corrigisse.

Antes de falar sobre Dona Lina eu tenho que falar sobre Flávio Império, que me apresentou a ela. Flávio Império deve ser contado como pessoa, como revolucionário, como político, como contestador e como retaguarda de resistência cultural durante a ditadura dos militares no Brasil. Ele podia ter paranóias e todos os medos do mundo, mas enfrentou tudo à sua maneira.

Flávio fazia yoga com um swami indiano em frente a onde eu morava, e depois da yoga costumava passar no meu apartamento-atelier. Acompanhava o trabalho de tapeçaria que eu desenvolvia cotidianamente em um grande tear, em um pequeno apartamento. Assim ficamos amigos. Ele morava na casa de sua mãe, Dona Helena, e trabalhava em um escritório três ou quatro quarteirões abaixo, na Rua Dona Antônia de Queiroz, em São Paulo.

Certa vez ele chegou a fundar uma comunidade alternativa, que não durou muito porque logo atraiu a atenção dos militares. Um dia eu tive um sonho sobre eles e fui lá avisar: “Flávio, onde tá o fumo?” “Não se preocupe, está bem guardado”, “Meu sonho era que chegou a polícia com metralhadoras e era a partir do fumo, pra poder te prender e a turma”. Não deu outra, era realmente um sonho premonitório. Alguns dias depois a polícia chegou e prendeu todos que estavam presentes. Nós fizemos vigília na porta do presídio durante uns 40 dias, o quarteirão enchia de gente,

artistas e estudantes se manifestando para que soltassem o Flávio.

Quando o conheci, estava desenvolvendo o meu trabalho de tecelagem com as tecedeiras em Uberlândia e na região do Triângulo Mineiro, em Araguari, Abadia dos Dourados e Martinésia. Flávio Império veio ver de perto meu trabalho com elas na região e ficou fascinado, me disse que quem precisava tomar conta deste trabalho era a Lina. Eles já eram grandes amigos, tinham participado juntos de um escritório de Arquitetura na rua Haddock Lobo, com Sérgio Ferro e Rodrigo Lefebvre.

O Flávio chegou ao Sítio Santo Antônio, em Uberlândia, com a sua super 8 e os rolos de filme. Filmamos imagens lindas em Martinésia e Araguari. Flávio gravou takes da arquitetura dos anos 1920 de Araguari em sequência com cenas da Lagoa Seca, que é um bairro da cidade. Lá trabalhei durante algum tempo com Padre Nilo, que foi um sacerdote expressivo da região, muito importante para a Teologia da Libertação.

Dona Etelvina foi uma tecedeira que conheci no bairro, ela trabalhava em um barracão feito de postes de aroeira e coberto com folhas de buriti trançadas. O espaço era lindo, os nossos encontros lá relembavam o estilo Flamboyant da Idade Média. Os artesãos do bairro teceram esteiras como as de carro de boi, feitas de taquara, e as colocaram como paraventos, para cercar o barraco do vento e da poeira vermelha. O buriti aguentava vento e chuva sem apodrecer. Neste galpão ficavam alguns teares, e as tecedeiras trabalhando.

No filme de Flávio tem uma cena em Uberlândia na qual Dona Maria, a mais velha das tecedeiras, tecia a imagem de uma pombinha. Ela trabalhava com a maior tranquilidade, e

enquanto tecia os detalhes, passou uma pomba ao seu lado, que depois voou contra o céu azul. O Flávio, com a câmera, captou a imagem na hora, um evento de sincronicidade. Ele tinha essa sacada de pescar as imagens que aconteciam no momento. Essa cena é maravilhosa. No fundo, Nara Leão cantava:

Moreninha

Se eu te encontrasse

na varanda costurando

Na varanda costurando

E me recebesse sorrindo

Moreninha

Que lindo, que lindo

Se eu visse o mundo

Da janela dos teus olhos

Da janela dos teus olhos

O mundo seria um doce

Se fosse

Foi um evento de grande poesia brasileira. As pessoas, quando viam a cena, choravam. Parecia que era montado, mas não, as coisas simplesmente aconteciam. O Flávio foi um gênio, assim como Dona Lina. Artigas falava que eram, professor Motta também. Tem pessoas que são furacões, era impressionante vê-los trabalhar. Você tinha que sair de perto, porque se um jogava uma bomba, o outro jogava duas. E Flávio foi a pessoa que conheci que mais enfrentou Dona Lina. “Não senhora! A senhora tá pensando que é a Rosa Luxemburgo? A senhora não é a Rosa Luxemburgo.” As discussões eram tremendas.

Um dia Dona Lina me chamou. “Você me pega aqui em casa? Nós vamos na comunidade do Flávio, lá no Aclimação”. Ela até assou uma pizza branca para levar, especialmente

para agradar o Flávio, um tipo de pizza que só leva cebola, alecrim e sal grosso. Não adiantou nada. Ela propôs a ele que refizessem a revista *Mirante das Artes*, que escrevessem alguns artigos. Acontece que Flávio tinha acabado de sair da prisão e não estava querendo mais se meter, estava absolutamente em pânico. Então ela o puxava pelo colarinho. Certo dia, levei um livro de Bertold Brecht para Flávio e ele só falou “Tire isso daqui”. Dona Lina foi uma grande conhecedora e admiradora de Brecht, não só dirigiu algumas peças, mas cantava em alemão e dançava entre amigos. Ela chegou a encenar *A Ópera dos Vinténs* na Bahia, com o Koellheutter. Era uma atriz, o mais forte dela foi como atriz. Ela sempre representou, o tempo todo, acho que partia de uma paixão pelo teatro.

Flávio se comunicava com Dona Lina através de poucas palavras: “Você precisa ver o trabalho que um amigo meu desenvolve com as tecedeiras do Triângulo Mineiro”. Nessa época, ela vivia isolada na Casa de Vidro, sem trabalho. Há pouco tempo tinha respondido a oito processos com os militares, justo naquele período extremamente difícil do governo Médici. Acabou fugindo para a Itália, onde ficou durante nove meses estudando o Código Civil brasileiro. Foi chamada para voltar e se apresentar à justiça, caso quisesse morar no Brasil novamente, por ordem do Professor Bardi. Ela era cidadã brasileira, recebeu o título de Getúlio Vargas em 1954. Repetia isso com muita exaltação, era italiana por nascença, mas por escolha era brasileira. Isso era muito definido, tinha uma relação com a identidade.

Neste contexto a conheci. Eu tinha levado para São Paulo duas tapeçarias, que eu e Flávio montamos em suportes no apartamento de um grande amigo, Alan Meyer. Combinou-se de ela ir ao apartamento para ver as peças de perto - um Cristo na Cruz e uma Anja Caipira montada em uma canga de boi. Eu assisti ao telefonema do Flávio, “Lina, sabe aquele amigo meu, o mineiro...”. Eu já tinha até apelido: Mineirinho.

No dia combinado, em uma segunda-feira, às 11 da manhã, eu atendi a porta. Foi grande a emoção do encontro, sua figura alta, elegante, vestida de preto, com um blazer de veludo, calça comprida e botas. Alta, soberba, figura fortíssima. Cabelos soltos, a maquiagem muito branca; algo meio japonês, uma figura imponente e ao mesmo tempo distante. Percebi nela um olhar meio triste, sem nenhuma ilusão, mas ao tempo agudo como de uma águia. A minha emoção era grande, pois quando jovem eu a via de longe, através das gretas das tábuas na época da construção do MASP. Nunca pensei em conhecê-la pessoalmente.

Neste dia estavam presentes Alan Meyer, o poeta Celso Paulino e o Flávio, que chegara antes com uma braçada de lírios brancos. Aqui cabe um pequeno comentário sobre o trabalho de Flávio: ele era contra o palco italiano, sempre dava um jeito de virar o jogo. Em uma de suas peças, encheu tanto o cenário que não sobrava lugar para os atores além de um corredor de 80 centímetros de largura. Eu nunca vi ninguém com a capacidade inventiva que ele tinha, tanto que em determinado momento foi preciso dar um basta! Na ocasião do encontro com Lina, colocamos os lírios em algumas latas ao lado da tapeçaria de Cristo, parecia um altar, o cenário criado por ele. Ficamos os quatro na sala. Dona Lina disse: “Esta peça me faz sentir as palavras do evangelho: orai e vigiai”. O dom da vigilância, do qual ela sempre falava. “Vigilância... Vigiai...”, faz todo sentido, considerando que ela foi uma pessoa treinada na guerra, que fez a guerra, lutou na guerra, deu cobertura. Ela sabia muito bem o que era isso.

Fomos tomados por uma forte emoção. Celso Paulini e Flávio Império não contiveram as lágrimas. Eu não podia me emocionar, fui para a cozinha buscar uma bandeja de café para servir. Foi o tempo de me consolar e de regular a própria fé, para além da emoção. Levei silenciosamente o café, a emoção era forte entre as pessoas do grupo. O momento histórico era atuante em todos nós, pois tínhamos todos amigos próximos sendo torturados no DOI-CODI

Dona Lina marcou então um almoço na sexta-feira seguinte, em sua casa. De segunda até sexta rodou em São Paulo o assunto que Dona Lina tinha conhecido um mineiro de quem tinha gostado muito. As turminhas conversavam, nas frequentes reuniões, nunca se reuniu tanto, se conversou tanto quanto na época da ditadura. Recebi diversos pedidos de amigos e conhecidos para dizer a ela que voltasse logo a trabalhar, eu tinha este encargo. Chegando ao almoço, tomamos um whisky, sentamos na mesa e foi servido arroz, feijão, linguiça, couve e tutu de feijão. Ela me perguntou: “Está do seu agrado? É a comida da minha casa”. Em minha homenagem, ela contratara uma cozinheira de Uberaba para que preparasse um almoço típico do Triângulo Mineiro.

Ela mal tocou na comida, se retirou da mesa discretamente. O Flávio me disse que fosse até ela e lhe dissesse o recado de todos os amigos. Estava de pé ao lado da lareira acesa, eu fui até ela e transmiti o recado. Ela me disse que não queria mais trabalhar, que São Paulo não a queria, que não podia fazer nada no MASP, interditada que estava depois da exposição A Mão do Povo Brasileiro e de complicações políticas. “Eu não posso entrar no museu que construí, São Paulo me fechou as portas.” Respondi que o Triângulo Mineiro não: “Podemos desenvolver um trabalho com as tecedeiras, algo antropológico, etnográfico, com a tradição popular”.

Ela repetia “São Paulo não me quer, Salvador está blindada para uma retomada”.

Não tinha lugar nem trabalho para ela em um país que amava tanto. Meus recursos para convencê-la se esgotaram. Percebi a profunda tristeza em que se encontrava e eu, tendo acumulado já oito anos de análise Junguiana, sem ter mais argumentos, só podia respeitar. Fiquei olhando uma mesa baixa entre as duas poltronas de sola - bonitas... design dela. Era uma mesa de mosaicos coloridos, com cinco motivos florais. E no entablamento de madeira, guirlandas entalhadas, pintadas de dourado - e uma abelha rainha ao centro como tema.

Eu já não tinha mais argumentos, então me veio “A senhora é uma *apis regina*”. Falei com acento alemão, ela sacou que eu sabia latim. Neste momento uma abelha cheia de pólen, dourada, veio voando da mata e pousou na gola do seu blazer preto de veludo, como um broche, uma jóia. Ela ficou assustada, mais pálida que de costume, e tremia. Me perguntou atônita “Como você explica isso? Você é do Candomblé, mexe com coisas mágicas?” Eu lhe disse que não pertencia ao Candomblé, que era cristão militante de comunidades eclesiais de base.

“Mas como você explica isso?”

“Essas coincidências significativas pertencem a um outro tempo, o da sincronicidade.”

“E o que é sincronicidade? Onde você aprendeu?”

“Aprendi dos neoplatônicos do Renascimento: Marsilio Ficino, Pico Della Mirandola e outros que viram nesses acontecimentos uma cifra da Natureza, um código premonitório”.

Ela foi caminhando até o vidro aberto, deixou a abelha voar para a mata. Virou-se para mim e disse “Está bem, vamos trabalhar juntos então”. Flávio Império aguardava de longe o resultado. Eu lhe acenei que havíamos conseguido o nosso intento.

Lina Bo Bardi, arquiteto.

Revendo os trabalhos de Dona Lina, eu acho que ela sempre trabalhou com formas perfeitas: quadrado e círculo, círculo e quadrado, de modo arquetípico. Formas que hoje a gente chamaria até de mandálicas – mas este termo é dos últimos anos, e não acho que seja bem isso.

O círculo vem como em uma forma cósmica, de Sol e Lua, a forma perfeita. Já o quadrado é uma conquista do homem. Ela não desprezava o ângulo reto, como muitos diziam, não sei de onde tiraram isso. Ela nunca foi contra isso ou aquilo, esteve sempre na linha da possibilidade de construir. Se é ângulo reto, é ângulo reto; e se for curva, é curva.

É importante que seu trabalho seja pensado também em termos artísticos, porque ela queria fazer arquitetura, mas fazia arte junto. Muitas vezes negava que estava fazendo arte, mas estava.

Lina compreendia que o contraste é onipresente, e trabalhou sempre nesta perspectiva: o contraste esteve sempre presente em seu trabalho, mas não como oposição entre um elemento e outro. Ela tinha uma forte influência japonesa, acreditava na espiral do eterno retorno. Uma vez escreveu em um texto, se não me engano foi para a fábrica de perfumes da Rastro, neste texto mencionou algo que sempre me dizia: “Se você não fizer com poesia é melhor não fazer”, estava tratando da arquitetura.

Gostava de falar em poesia em vez de falar do “belo”. Acreditava que o belo poderia ser interpretado de forma burguesa e não de forma platônica, achava que a burguesia sempre deturpou tudo, que a aristocracia pegou, usou e vomitou, e que depois vieram os burgueses, mais grosseiros ainda. Ela tinha essa noção da burguesia como a ascendência de uma classe muito



Lina Bo Bardi (arquiteto) e equipe de construção da Igreja em Uberlândia. Foto publicada por Ariel Larazin, disponibilizada pelo acervo da paróquia.

grosseira. Ao mesmo tempo, ela falava: “Resta para nós fazer algo de belo e de bruto, de belo e de feio”.

Por que a beleza no sentido dela mesma, não no sentido burguês, deve ser privilégio só de uma classe social? Antes a beleza era da aristocracia, depois da alta burguesia, da burguesia. Nesta linha crítica, temos que olhar seus estudos de design, as críticas que fez às mesas pata de elefante, pata de tigre, aquele mobiliário do século XIX. E quando entrava nessa discussão de classe ela sempre perguntava: “Você conhece um bom artista da alta burguesia ou da burguesia? Algum grande escritor? Ou um grande ator? Não conhece, eu nunca conheci. A burguesia nunca produziu um grande artista.”

Acho que sempre foi ela mesma, desde mocinha. Me contou uma vez que quando tinha 15 ou 16 anos, um amigo de seu pai, engenheiro, pediu que fizesse o desenho de uma fonte. Foi seu primeiro desenho arquitetônico. Este senhor a pagou tão bem que com o dinheiro ela foi logo comprar um casaco de pele de marta vermelho. Eu falava “Dona Lina... mas Marta? E vermelha, ainda por cima?” “Era uma marmota, mas eu queria. Era um escândalo!”

Eu acho que ela era tomada por um animus. Segundo Jung, a mulher tem um animus e o homem tem a anima. A psique do homem tem a anima, que é feminina, e por isso ele procura em uma mulher a integração desse feminino em si. A alma do homem é feminina, mas a alma da mulher não é.

O animus de Dona Lina sempre foi um arquiteto, o arquiteto. Porque não tinha arquiteta para ela se espelhar. Em quem ela ia se espelhar? Gropius era um homem, Le Corbusier era um homem, Bramante era um Homem. E mais uma questão que é definitiva para responder a essa pergunta: ela vivia no meio de homens e não era respeitada por ser mulher. Então eu acho que nessa hora ela vestia um personagem masculino, um animus. Às vezes eu olhava para ela e ela parecia o Bramante. Era uma forma de defesa, para se impor num mundo muito masculino e adverso a ela naquela época. Era cada discussão, cada briga no Sesc Pompeia, eu não sabia como ela dava conta.

Em sua última conferência, que fez já em uma cadeira de rodas, no Sesc Pompeia, se declara arquiteta. Ela já está cansada e já reintegrou também toda aquela luta com um mundo masculino adverso a ela.

DUAS IGREJAS



Capela Santa Maria dos Anjos, livro "Lina Bo Bardi: Obra Construída" de Olívia Oliveira.



Igreja Espírito Santo do Cerrado, 1980. Acervo da paróquia, publicada por Ariel Lazzarin.

COMUNIDADE CRISTÃ

4 de abril de 1979

A comunidade cristã do Bairro Jaraguá comunica com muita alegria a todos os outros moradores, que dentro em breve começará as obras da construção da Igreja Intitulada: Divino Espírito Santo do centro comunitário. A construção será na Rua dos Mógos com as avenidas Ipê e Cerejeiras. O local está assinalado por uma cruz e a placa de obras.

Convidamos a todos para participar conosco da nossa alegria e da construção da mesma, que será feita com doações e com mutirões dos cristãos do Bairro.

Todos os sábados à noite, 19,30 horas nos reunimos para a oração e missa e nos domingos, às 16 horas, para a programação dos trabalhos.

Artigo de jornal, acervo da paróquia, publicada por Ariel Lazzarin.

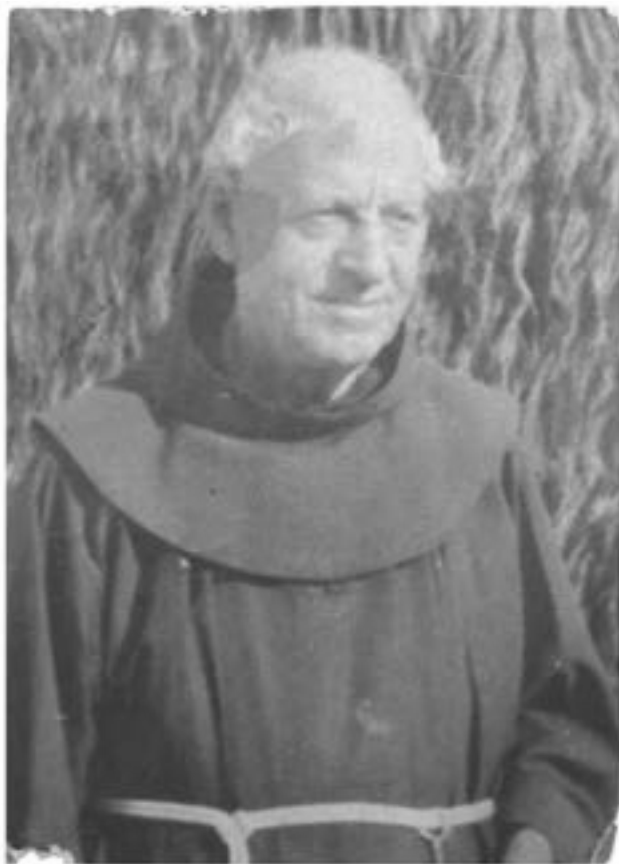
A igreja pobre do Cerrado

Frei Egídio Parisi nasceu perto de Nápoles, foi o primeiro a chegar no Triângulo Mineiro. Ele implantou aqui a imigração de cerca de 40 franciscanos que vinham de Salerno. Foi muito querido, nunca aprendeu o português direito, falava enrolado mas todo mundo entendia. Ele fazia sucesso porque tinha a personalidade de um ator de cinema ou de um comediante italiano. Um dia Dona Lina e eu estávamos andando no Cerrado do sítio e avistamos ele descendo, com o guarda-chuva em uma mão e a bengala na outra, falando sozinho com os passarinhos. Ela me perguntou “Edmar, o que é aquilo lá?” Falei que era o Frei Egídio.

Minha mãe dirigiu a ordem terceira franciscana, no Bairro Martins. A ministro é a única mulher que participa dos almoços dos frades, ela é a mãe à mesa e todos a tratavam assim - Frei Egídio exagerava, a chamava de mãezinha. Um dia ela me falou que ele queria conhecer Dona Lina. Falei que isso não iria dar certo de jeito nenhum, mas ela disse: “Eu já convidei, ele vem para almoçar. Deixa os dois, vamos ver o que vai dar, o que São Francisco vai fazer!” Acabou que deu na Igreja do Divino Espírito Santo do Cerrado.

Quando apresentei os dois, Dona Lina não estava nem um pouco a fim de ser amiga dele, repetia “Edmar, pelo amor de Deus!”. O primeiro almoço foi um escândalo: “Não quero conversa com o senhor, ponho minha mão no fogo que na guerra estive do lado de Mussolini, era ou não era? Então não tem conversa!”. Tentei amenizar a situação, foi difícil porque os dois eram italianos de personalidade forte. “Mas Dona Lina, ele foi capelão de guerra, deu cobertura desde o sul da Itália até o Monte Cassino. Foi muito amigo de Roberto Rossellini e o ajudou a fazer o filme sobre a vida de São

Frei Egídio, acervo pessoal de Edmar.



Francisco". Rossellini fora também grande amigo de Dona Lina, o que ajudou a convencê-la.

Frei Egídio atuava para o desenvolvimento da vida cultural e intelectual do povo, e em Uberlândia esteve à frente da construção de escolas, capelas e de um cinema. Seguiu as palavras franciscanas: alegria e pobreza. Na época em que conheceu Dona Lina, ministrava as missas dentro do quartel militar, em uma capela muito precária construída de tábuas, pelo povo. Os militares o tratavam muito mal, prenderam vários de nossos amigos, entre os quais estiveram os

professores Luis Carlos Saraiva, Saint Claire e dona Helena Ochoa, além do arquiteto João Jorge Cury, que foi muito próximo de Frei Egídio. Uma vez o levei de carro à prisão para pedir que parassem de bater no Cury. Frei Egídio usou todos os argumentos com o comandante, mas não conseguiu convencê-lo. Na saída, parou na frente do carro, ajoelhou-se e excomungou tanto o comandante como os outros militares, rogando pragas como só um napolitano faria.

Havíamos formado um Conselho de Construção com 48 paroquianos, muitos pedreiros e carpinteiros que se voluntariaram para a construção de uma nova sede. O conselho já estava formado quando pedimos a Dona Lina que fizesse o projeto da Igreja, ela ia querer saber qual era a contrapartida, quem iria construir - não podíamos chegar de mãos vazias. Ainda sem responder se aceitaria o convite,



Frei Egídio e Lina Bo Bardi no Sítio Santo Antônio, acervo pessoal de Edmar.

ela passou mais alguns dias no sítio. Quando estava indo embora, minha mãe foi até o carro e pediu mais uma vez, dizia “Por favor, faça esta igreja, é para o povo pobre!” Dias depois Dona Lina me telefonou de São Paulo, disse que estava desenvolvendo o projeto.

Foi uma amizade improvável, aquela entre os dois. Depois da morte dele, ela dizia: “Nunca ganhei abraços tão bons na minha vida como os de Frei Egídio”. Quando ele gostava de alguém, era capaz de atravessar uma cidade inteira a pé para dar um abraço, ele não era uma pessoa comum.



Santa Maria dos Anjos

A capela de Santa Maria dos Anjos foi construída por iniciativa de Bruna Sercelli. Bruna e sua irmã Florença foram grandes amigas que tive nos anos em que morei em São Paulo. As conheci um dia, quando estávamos eu e Celso Paulino no balcão do Teatro Municipal. Com um binóculo, avistei uma mulher linda, de um rosto que parecia uma versão mais bonita da Santana de Da Vinci. Pensei “Que beleza, que mulher! Existe isso?”. Celso falou “É a Florença, minha amiga de anos”. Pedi que me apresentasse, pois queria desenhá-la.

Para nos aproximar, Celso elaborou um plano. Primeiro combinamos um encontro na casa de alguma amiga em comum, depois esperaríamos que Florença nos convidasse para jantar em sua casa. As irmãs tinham uma agenda concorrida, pois todo sábado iam à Igreja Imaculada, no Brigadeiro dos Otoni, preparar e servir refeições para centenas de pessoas em situação de rua. Em dias de semana, Florença preparava café da manhã para cerca de 30 pessoas na mesma situação, no Ibirapuera. Sendo assim, nosso encontro só poderia acontecer no domingo.

Fomos então convidados. A mãe delas era viva ainda, Dona Dina. Neste primeiro almoço conheci Bruna e assim como foi com Florença, fiquei impressionado com sua beleza e dignidade. Não sabia qual das duas era mais fascinante. Florença tinha um jeito fiorentino, e Bruna era mais singela, despojada. Assim como minha mãe, Bruna era ministra de ordem terceira dos leigos franciscanos em São Paulo, e quando minha mãe me visitava, Bruna sempre a buscava para que fossem juntas à missa, depois a deixava em casa.

Durante 30 anos eu fui almoçar, aos domingos, na casa de Bruna e Florença. Desenvolvi com as duas uma amizade muito forte. Ao longo de nossa convivência fui entendendo a vida nos domingos delas, por isso eu e Celso comprávamos o almoço e levávamos para comermos juntos, pois elas estavam sempre exaustas dos sábados no Imaculada. Elas ficavam muito contentes por não terem que cozinhar, e assim Florença tinha tempo para conversarmos sobre pintura.

Eu e Florença mais tarde estudamos juntos o Sumi-ê, durante cinco anos no Consulado Japonês, com sensei Okinaka. A conclusão depois de todo esse tempo estudando a arte oriental foi que, apesar do esforço, nós somos ocidentais, não adianta! Para começar, eles não escrevem com lápis, nem com caneta, mas com o pincel. Então a pincelada para eles é outra situação. No curso você fica seis meses desenhando aqueles bambus, para chegar no final do ano e eles falarem “ta errrrrado”, puxando o R. “Está errado. Está errado. Errado. Errado. Tá Errado!”.

Um dia, acho que no nosso quinto ano, a Florença falou “Olha, Sensei, eu vou largar, vou embora porque tudo que eu fiz até agora foi ‘errrrrado’, então ‘errrado’ por ‘errrado’, eu prefiro fazer o errado em casa.” Eu estava junto, e tudo meu também estava sempre “errrado”. O exame final consistia em pintar centenas daqueles papéis de filtro de sumi-ê, até a pilha dos desenhos alcançar a sua altura. “Errrado, errrado, errrado, errrado”. Falávamos, “Sensei, você tem que nos dizer porque está errado, não adianta falar só que está”.

Para pintar, é preciso se sentar de joelhos em frente a uma mesa baixa, posicionar a bandeja do sumi, os feltros, os pincéis, cada coisa em seu exato lugar. Antes de começar a

desenhar, respiramos fundo e soltamos o ar com voracidade, batendo as duas mãos no peito e dando um grito. Todo mundo tinha que fazer, era um exercício. Bater as duas mãos no peito, esvaziar os pulmões e depois pintar. Assim o traço fica puro e fluído, em uma única pincelada. Nos finais de ano, nessa comemoração, nas mesinhas, toda a turma ficava sentada desse jeito, e ele dava um desenho de presente para cada um. Nas festas era permitido beber sakê, a bebida circulava entre todos na sala. Então, na cerimônia, alguns japoneses do Consulado cantavam e choravam, a intensidade era tamanha que às vezes eu acabava chorando junto e não sabia por quê. Um cantava e quando acabava passava a vez para o próximo. Cada um demorava bastante, só se via gente chorando. Quando acabava, o Sensei distribuía um desenho para cada aluno e fechava o ano. Era uma pessoa muito simpática, me deu um desenho tão lindo, cantado, porque era desenho, mas era música ao mesmo tempo. Essa peça



Edmar e revisita desenhos das aulas de sumi-ê. Fotografia por Alice Almada.

ilustrava a história de um pescador que joga a rede no lago para pescar o reflexo da lua.

Eu aprendi com Sensei Okinaka os princípios do sumi-e, que foram para mim até mais importantes do que as pinceladas. Aprendi que todo desenho tem que ter nobreza, elegância e graciosidade, que em todo desenho, a cada pincelada tem que fluir o Shi, o espírito da vida. Se não fluiu, não aconteceu. Para isso, você tem que deixar tudo preparadinho: a tinta preta, a tinta média, a tinta mais clara, os pincéis, tudo organizado na mesa. Era sempre “errado, errado”, mas os princípios ficaram, essa naturalidade no desenho, a elegância, a nobreza no sentido em que cada traço tem a sua graciosidade. Isso eu consegui entender, mas conseguir fazer era outra história.

Voltando à história da Capela, certo dia Bruna nos apresentou a vontade de construir uma casa de retiros das franciscanas, onde poderiam fazer retiros espirituais em feriados e finais de semana. Ela tinha herdado algum dinheiro de uma familiar italiana, e junto com Florença resolveram presentear parte da herança para a Madre Teresa de Calcutá em Salvador. Com o que restou, investiram na casa de retiros. Para completar a quantia necessária, quem doou o dinheiro foram Teresa e Jô Soares, que também eram franciscanos.

Bruna me apareceu então com um projeto para a capela, completamente inadequado, sem personalidade, feito por um familiar que era engenheiro.

“Ah não Bruna, esse projeto aqui, eu não gostei muito não!”

“Quem fez foi o Dino”.

“Pois é, mas... não é arquitetura, né? Engenharia é engenharia, na hora de construir, tudo bem, você precisa de um engenheiro. Mas não é arquitetura..”,

“Mas o que você sugere?”

“Uai, Dona Lina!”.

Capela Santa Maria dos Anjos, livro “Lina Bo Bardi: Obra Construída” de Olívia Oliveira.



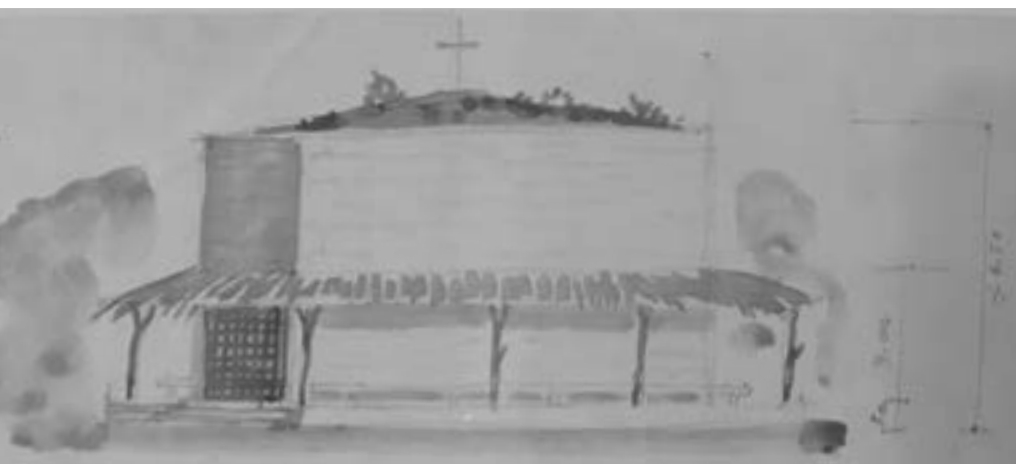
Nós já éramos amigos há algum tempo, eu teria a proximidade para convidá-la. Bruna, sempre muito modesta, ficou com um pé atrás, “Ah não é preciso, imagine, Dona Lina!”. Bruna se negou com tanta insistência que eu brinquei com ela “Bruna, em nome da santa obediência!”. Quando você invoca a santa obediência, em termos religiosos, a pessoa tem que obedecer. Ela estava receosa pelo fato de Dona Lina ser uma grande arquiteta, mas eu insisti porque sabia que as duas dariam certo.

Marcamos então um dia no SESC Pompeia. Bruna se vestia de maneira humilde, singela, com uma aparência quase pobre, em sua vestimenta só se destacava um pequeno broche de ravena, uma pequena joia naquela roupa tão simples. Por ser franciscana, andava sempre de maneira singela e humilde. Quando nos encontramos no SESC, Dona Lina olha para ela, depois olha para mim... olha para ela, olha para mim. Não foi necessária uma palavra e ela já sabia que se tratava de um pedido. Disse logo que faria sim, “com todo prazer”.

A Bruna estava com medo de comprometer Dona Lina, que era Marxista Leninista e já estaria se envolvendo em sua segunda obra religiosa, depois da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado. Para convencê-la, eu dizia “Bruna, os grandes artistas estão muito acima dos partidos e das situações históricas”. Está correto que o que Dona Lina realmente queria construir eram as casas para os pobres, mas isso não estava acontecendo. Então eu disse “Bruna, fique tranquila, se ela falou que vai fazer, vai fazer”.

Quando fizemos a primeira visita ao terreno, Dona Lina adorou o lugar. Era um capão todo arborizado. Um lugar bem rural, singelo, tinha uma plantação de caquis. Depois ela desenvolveu aquele desenho lindo, de geometria simples. Muitos a acusaram de ter copiado Le Corbusier pela questão do quadrado com o ângulo reto recortado. Mas se enganam, porque aquela forma sempre existiu, eu mesmo costumo usar em minhas pinturas. A arquitetura de Dona Lina segue formas arquetípicas, a geometria é um terreno em que ninguém detém direitos autorais. Determinadas conquistas do desenho e da geometria são coletivas, arquetípicas.

O tempo passou, eu levava Bruna na casa de vidro para trabalhar junto à Dona Lina. Na terceira vez, Dona Lina me perguntou “Escuta Edmar, você não tem mais uma Bruna



para me apresentar?”. Ela não costumava gostar muito das mulheres que conhecia. Dona Lina estava encantada com Bruna, com sua postura, inteligência e racionalidade. Ambas já tinham viajado muito na vida, conheceram os países muçumanos, Jerusalém. Respondi “Não, Dona Lina, não tem. Ela e a irmã levantam cedo e dão café da manhã para 40 mendicantes ali do Ibirapuera, nos jardins de sua casa. E no sábado elas vão cozinhar e lavar pratos na Imaculada Conceição. Quando possível, te apresento à Florença”.

Quando elas se conheceram, eu não sabia quem tinha mais máscara. Era a Dona Lina a própria italiana de Roma, persona de romana, e a Florença fazendo essa persona Florença, da Toscana. Era um jogo, as duas se colocando como persona mesmo, cada uma mostrando o que tinha de melhor da Itália. Florença não queria conversar muito, trocou poucas palavras com a Dona Lina, pois o respeito era tanto que sempre foi assim, com poucas palavras. Com Dona Lina, Florença ficou comportada, muito tímida. Já Bruna falava com fluência, discutia.

Bruna me encomendou uma peça para o interior da capela, perguntou o que eu achava sobre Santa Maria dos Anjos. Eu fui estudar e pensar para que pudesse dar uma resposta, pois ainda não conhecia a história a fundo.



Capela Santa Maria dos Anjos, livro "Lina Bo Bardi: Obra Construída" de Olívia Oliveira.

A queda de Lúcifer

Quando Lúcifer foi destronado por São Miguel Arcanjo, seu trono ficou vazio até a assunção de Nossa Senhora, quando ela ascende ao Céu e o ocupa, passando a reinar sobre os anjos. Neste momento, ela leva na testa a Estela Matutina, que era Lúcifer, a estrela da manhã. Nos braços de Nossa Senhora estão presentes a estrela vespertina de um lado e a Estela Maris do outro.

Santa Maria dos Anjos é a padroeira da ordem franciscana. A cidade de Assis abriga a igreja com seu nome, e ela está presente também em muitos monumentos franciscanos. Existe um lado oculto no culto de Nossa Senhora, em que ela também é a Nossa Senhora do Apocalipse. Sua figura não é a de uma moça bonita, vestida de branco, nada disso. Ela é vestida de Sol, guerreira. Na luta final contra Satan, São Miguel Arcanjo vai na frente e a Nossa Senhora vem logo atrás, é a Nossa Senhora que pisa o dragão de sete cabeças que precipita no inferno, Satanás. Essa é a literatura sobre Santa Maria dos Anjos, Nossa Senhora do Apocalipse. É difícil representá-la desta forma, como guerreira, vestida de Sol, com o Sol e a Lua ao seu redor, carregando uma espada e lutando contra o mal. Também é difícil vê-la assim, a igreja não a costuma representá-la desta forma.

Neste momento, em 2022, estou trabalhando a Panaguia, que é o dia e a noite. Ela é o nascer do dia e o entardecer, a natureza toda e suas criaturas, o espaço sideral. Ela mostra que o centro da criação é a criança divina, é bem simples, mas ao mesmo tempo é tudo. Pan-a-guia, senhora de tudo e de todas as coisas. Por mais bonita que seja a Mariologia da Igreja romana, ela não consegue chegar a essa visão cósmica de Nossa Senhora.

A capela de Sta Maria de Ibiúna irá começar em janeiro. Bruna já conseguiu levantar o dinheiro inicial. A do Espírito Santo (eu a vi há duas semanas) está a coisa “mais lindinha”. Um doce. Eu, pessoalmente tenho desenhado muito isolado, vida de monge. Tenho andado muito contente e feliz, sem motivos. Estou pintando têmperas de caseína, paisagens do Cerrado – a seca, ferrugem. (...) Preparo-me para os desenhos da Capela do Espírito Santo do Cerrado e Santa Maria de Ibiúna. Também para as tapeçarias daqui onde aparecerá, bois, bezerrinhos, joaninhas, tatus, gambás, mariposas, cristal, a senhora e o menino, frutos e flores do sertão.¹

1. Carta de Edmar de Almeida para Lina Bo Bardi, data indefinida.

A cifra dos neoplatônicos

Eu queria fazer a ligação daquela abelha que pousa e a igreja. Como aquele acontecimento, houve outros também. A cifra neoplatônica que significou, depois da igreja, a morte do cunhado dela, quando chego em Milão em 1976. A morte desestruturou a família dela na Itália. Quando foi ao Hotel reservar um lugar para mim, ele tem uma taquicardia e morre. Eu chego e havia uma morte lá.

Dona Lina foi me esperar na estação e eu vi que tinha acontecido alguma coisa porque me mostrava aquela cara e estava com o Roberto Sambonet, seu grande amigo.

Eu havia conhecido o cunhado dela, pois tinha passado um natal com eles. Eu estava no trem com um amigo frade carmelita descalço, Doutor Valentinete. Dona Lina, muito hospitaleira, disse para não mandá-lo descer: “Ele dorme na nossa casa e no outro dia prossegue viagem. Descansa, janta e dorme. Amanhã cedo ele vai.” Ele então conhece o cunhado dela. Conversam e conta que ia passar o natal com o Prior que tinha sido capelão de guerra no tempo que o cunhado de Dona Lina lutou no Norte da Itália... Então morre o cunhado dela, eu aviso e eles celebram uma missa. Fazem uma celebração e Dona Lina e sua família ficam muito agradecidos.

Lá as pessoas morrem e são enterradas depois de uma semana. Demora o sepultamento. Ele foi cremado. As coisas são interligadas. Incrível, as coisas vão acontecendo assim, igual enfiar conta num colar. Não precisa parar muito, é só enfiar a mão ali e enfiar uma conta. As coisas vão acontecendo e você vai dando um fio condutor. Eu sempre acreditei nesse fio condutor da vida. Nada acontece por acaso, não existe acaso. Como fenômeno físico, mas depois tem que vir entendendo o que foi aquele fenômeno, porque ele tem uma sequência, uma duração, um percurso fora do tempo e do espaço. Ele vem de um outro tempo, mas desencadeia uma série de suposições. Que é a cifra dos neoplatônicos.

AMIGOS E MEDOS



Obra de Edmar de Almeida

Brasília

Em 1962, ingressei na primeira turma de Belas Artes da Universidade de Brasília. O início da UNB foi lindo. Todos nós trabalhávamos. Não só os candangos e os professores, mas os estudantes também. O mundo todo estava entusiasmado com Brasília. As embaixadas - da Polônia, da União Soviética - davam aqueles livros de arte fabulosos. Você comprava baratinho ou ganhava. Depois o exército me confiscou tudo isso e nunca mais vi esses livros.

Nós recebíamos um salário mínimo, que na época deveria ser uns 3000 reais. O dinheiro valia. Não precisava aceitar dinheiro da família. Mesmo assim arrumei um emprego na Fundação Cultural de Brasília e ganhava mais ainda. Meu dinheiro tinha que dar para ir sempre a São Paulo, porque eu estudava em dois lugares.

No dia 2 de abril de 1964, invadiram a Universidade de Brasília, foi o primeiro lugar que entraram, na ditadura do Brasil. Muitos saíram a pé pelo Cerrado, com os militares dando tiros. Como a minha irmã estava bem instalada, eu levei os meus amigos e a gente ficou refugiado na casa dela até desmontar o meu apartamento.

Muitos casais de professores com filhos pequenos moravam lá. Eu tinha um emprego na Fundação Cultural, usava carro chapa branca, então quando a universidade foi bloqueada pelos militares, eu usava o carro. Eles me pediam para comprar leite em pó, farmácia, supermercado, essas coisas. Eu botava tudo no porta-malas e passava na barreira, não era revistado. Não tinha revista porque eu era placa branca. Mas fui denunciado por um colega de trabalho que queria o meu cargo.

Eu morava em um prédio de apartamentos e escritórios, e tinha que fazer minha mudança em poucas horas, porque o exército estava em cima - pedi a meu cunhado um caminhão. - Chegou um cara lá, que estava em um desses escritórios

e perguntou se tinha banheiro, porque estava com dor de barriga. “Claro, entra aí, usa!”.

O apartamento estava montado. Em dez minutos, oito funcionários do meu cunhado tinham esvaziado o apartamento. Eu tranquei e fui embora, e o cara ficou trancado lá! O cara saiu do banheiro e o apartamento estava vazio, sem livros, sem sofá, sem nada... e ele preso lá! Esmurrava a porta e ninguém ouvia, porque era fora de expediente. Ele foi para a balaustrada no quinto andar gritando que ia me matar. Eu tinha voltado para entregar a chave na portaria, vi aquele cara lá e falei “Nossa Senhora, tranquei o cara!” No aperto todo, nem lembrei. E o cara gritando que ia me matar. Eu estava a pé, não tinha telefone. Fui ao Hospital Distrital telefonar para minha irmã para me buscar: “Vem cá me buscar porque o cara quer me matar!”. Tinha acesso de riso e a minha irmã não entendia nada,

Quando chegou, atônita: “quê que aconteceu?”. Eu contei para ela. “Ah não, Edmar, pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus!”

Foi minha saída de Brasília. Minha última noite em Brasília.

Chegando a São Paulo, a USP não nos quis. Professor Antônio Cândido, cinco estrelas da literatura brasileira, não aceitou a nossa transferência. Quem aceitou foi Roberto Schwarz e o professor Cavalcante. “Eu tenho que estar inscrito aqui. Eu não posso estar avulso aí na rua. Nem que seja como aluno ouvinte”

“Tá, aluno ouvinte, então você vai ser aluno ouvinte”. Então fui, fingia que estava estudando no departamento de grego. Eu não estudava, ficava jogando cartas com a Lígia Jordan, a Lupe Coltrin e mais uma pessoa, eram quatro pessoas jogando Whist no porão. E a rua da Maria Antônia estava aquele quebra pau entre estudantes do Mackenzie, estudantes da USP e a polícia. E a gente elegantemente vestidos, jogando Whist, sabendo o que estava acontecendo. Eu falava para Lupe, que era casada com Arthur Janot, pai do Janot filho: “Esse pessoal não está sabendo de nada! O golpe foi no dia primeiro, no dia dois de abril eles já entraram na Universidade de Brasília. Nos cercaram totalmente, fizeram barricadas.. O pessoal está lutando lá fora... Não vai dar em nada”. Isso era 1967. “A ditadura ainda vai um bom tempo ainda”.

Wega Nery

A Wega Nery tinha ganho a Bienal de Desenho, com desenhos muito bonitos. Quando menino, resolvi bater na porta da casa dela, em São Vicente. Ia de Uberlândia até Uberaba, demorava 4 horas em estrada de terra, e depois de Uberaba até São Paulo, de São Paulo até a Praia do Rosário e de lá até São Vicente. Toquei a campainha da Wega Nery. Ela atendeu.

“A sra é Wega Nery? Eu quero estudar com a senhora.”

“Mas eu não dou aula.”

“Mas a sra não poderia dar aula para mim?”

“De onde você é?”

“Sou de Uberlândia”

“Uberlândia? Muito longe daqui. Como você veio?”

“De ônibus.”

“O que sabe de pintura? Por que quer estudar pintura comigo?”

“Porque a sra faz uma pintura como a de Jackson Pollock, action painting.”

“Então, entre.”

Entrei no apartamento e ela ligou para o Geraldo Ferraz, com quem estava casada. “Chegou um menino aqui, deve ter uns 15, 16 anos. Me surgiu aqui com as unhas pretas de sujeira falando que quer estudar comigo. Mas ele entende de pintura, falou de Pollock e Franz Apple.” Ele respondeu: “Mande ele entrar! Segura ele aí até eu sair da redação”. Ele saía tarde da redação, às vezes ficava até uma hora da manhã.

Antes de se casar com a Wega Nery, Geraldo tinha sido casado com a Patrícia Galvão, a famosa Pagu. Era viúvo, foi uma

Abstração preta, cinza e branca, Wega Nery.



vida triste, trágica, a dele com a Pagu. Ela tinha depressões imensas, e se internava no hospício. Geraldo a visitava, ela ficava meses. Os dois escreveram um livro a dois, *A Famosa Revista*, contando a história do Partido Comunista Brasileiro. Ela bota a boca no trombone e ele também. Os dois eram do partido, acontece que a Patrícia, no desencanto de mundo em que estava, dando cobertura na guerra, e o Oswald Andrade botou o nome dela como responsável do jornal comunista, sem comunicá-la. Ela já era conhecida, porque ia a passeata com casaco de pele e dois revólveres, era conhecida em Paris, muito relacionada internacionalmente no partido. Certo dia em Paris, se deu um tiro na boca. O governo francês, para não responder processo, colocou “tentativa involuntária de morte”, porque “suicídio” traria maiores complicações. Ela tinha crises depressivas, falava que tinha casado com o Geraldo de cansaço, pois ele era a única pessoa que a visitava no hospício, e porque tinha muita amizade por ela. Assim viveram os dois, até a sua morte.

Wega falava com Geraldo pelo telefone:

“Ah, Wega, arruma uma cama aí para ele! Quando eu chegar da redação e a gente conversa”.

“Mas ele quer estudar comigo, Geraldo”

“Uai dá aula para ele, quem sabe?”

“Eu vou ter que parar de pintar pra te dar aula? Tenha paciência!”

Ela pintava o dia inteiro, até cair de cansaço. Mas cedeu. Buscou um ovo lá e falou: “Então você vai pintar um ovo, eu vou te ensinar uma técnica, assim como os japoneses. Pinta esse ovo, na hora que você pintar ele 300 vezes você me chama, e não me atrapalha não!” Fiquei lá, desenhando o ovo. “A parte de cima você deixa mais leve, a parte de baixo apoia, você tem que desenhar no ar, deixar o ovo no espaço, e ele é apanhado pelo espaço, entendeu?” Pior que eu tinha entendido mesmo.

Aí ela liga para o Geraldo de novo: “Geraldo, ele já desenhou 300 ovos, será que eu mando ele fazer mais? Desenhou direito até”.

Quando o Geraldo chegou, começamos a conversar, ele viu que eu já tinha leitura, me lembro direitinho, ele falou sobre Fernando Pessoa, Rainer Maria Rilke, e eu conhecia. Em certo momento, falou: “Já virou cria da casa”.

Era uma casa movimentada, os intelectuais começaram a chegar depois de uma da manhã, e ficavam até às 5h. Eram, em sua maioria, jornalistas que fechavam os jornais e iam para lá. Ficavam lendo poesia, a Wega mostrava uns quadros, faziam bacalhoadas.

Ela adorava cozinhar, fazia comida para todo mundo, trabalhava com a fatura. Em Santos se comprava muita coisa boa, que vinha dos navios cargueiros. Ela pintava, depois cozinava e fazia esse jantar lá para as altas horas da madrugada. A Wega se deitava para descansar, o Geraldo ficava lendo poesia e depois todos se deitavam para dormir.

Comecei a frequentar a casa. Eu estudava no Estadual em Uberlândia. Quando chegava o dia 20 de cada mês, eu saía da aula e pegava o ônibus para São Vicente, para curtir essa turma de adultos e aprender a desenhar. Foram bons anos!

Yolanda Mohalyi

Em certo momento, escolhi interromper meus estudos com Wega. Fui estudar com Yolanda Mohalyi, que dava aulas em casa. Ela tinha ganho um grande prêmio na bienal de pintura. Como de costume, fui à sua casa e toquei a campainha. Ela morava no Sumaré, que na época era mato, mas hoje tem arranha-céus.

As aulas eram às quintas. O espaço onde lecionava era um estúdio grande, de três andares, com um mezanino. Ela arrumava espaços de natureza morta, nas aulas ficavam modelos masculinos e femininos. Tinha também um piano de cauda bonito de uma coleção de cerâmicas pré-colombianas, uma maravilha de estúdio. Durante 5 anos eu vi aquele piano no mezanino dela, um piano branco de cauda, lindo, que achava que era enfeite.

Um dia, chego mais cedo para as aulas e ouço alguém tocando o piano e cantando a ária da Paixão de São Mateus de Bach. A melodia é linda. Entro para o ateliê, mas a pessoa ouviu o barulho dos passos nos cascalhos. Era ela, Dona Yolanda Mohalyi.

“Dona Yolanda... A senhora canta?”

“Vem cá, vamos tocar juntos.”

“Mas... Eu... Eu não sei cantar não. Não sei ler partitura.”

“Mas vamos sim. Vamos lá.”

Ela fazia soltar a voz. A partir de então eu ia pra lá sempre um pouco antes das aulas de pintura e desenho. Ela ia ao piano “Vamos cantar um pouco antes de os alunos chegarem”. E cantávamos os spirituals. A maior intérprete dos spirituals foi uma contralto, Marian Anderson, e a voz da Mohalyi era muito parecida com a dela.

Um dia falei com ela “Mohalyi, eu estou aqui há 5 anos, e a senhora não ensina nada! Vou embora, não sei mais o que estou fazendo aqui.”

Ela respondeu “eu sinto junto com você, o tempo todo. Isso não significa nada?”

“ Mas a senhora não ensina!”

“O meu método é o de não falar”.

Em certa Semana Santa e eu não vim para Uberlândia, como de costume. Fomos ao Teatro Municipal. Olhei para o programa: “Meu Deus do céu... Yolanda Mohalyi. Não tem duas...” Falei com uma amiga, que estava comigo e também era sua aluna. “Tem uma só. Tá aqui: Yolanda Mohalyi - Solista”. Aí, na quinta-feira, nós chegamos no atelier:

“Dona Yolanda, fomos assistir a paixão segundo Mateus no Municipal e a senhora estava cantando lá. Era a senhora mesmo?”

“É... Era.”

“Nossa... Que voz maravilhosa! Mas a senhora só canta lá?”

“Não, eu canto na paróquia da Igreja da Pompéia, também.”

Além disso, ela era artista plástica. Dona Yolanda foi grande! A gente ia de vez em quando à missa, para ouvi-la cantar.

Certa vez, ela foi na cabana que a Dora Ferreira da Silva tinha em Itatiaia - estávamos lá acampados - e a Dora tinha construído uma capelinha para São Francisco, ao lado da casa. Estávamos nessa casinha de madeira, quando ouvimos alguém cantando na capela. Mas uma voz... Era um negócio emocionante, de chorar de tão bonito. E a Dora falou: “Olha,

Moça e bichos, Yolanda Mohalyi.



a Mohalyi tá cantando lá dentro da capela. Parece uma ladainha húngara”

Mohalyi achou que estava sozinha, que a gente tinha ido tomar banho de cachoeira. Entrou dentro da capela sozinha e soltou a voz... Mais uma vez, fomos andando até ela. Ouvindo o barulho dos passos da gente, parou de cantar. Entramos na capela... A Dora, chorando até: “que canção mais linda”. Ela falou “é uma ladainha húngara”. Para gente que nunca tinha ouvido o húngaro, é uma língua bonita.

Dora Ferreira da Silva

O Professor Heliodoro de Souza dava aula de literatura alemã, na Universidade de Brasília. Dizia para nós que a tradução para o português das Elegias de Duíno, de Raider Maria Rilke, era mais bonita do que o original em alemão. Era feita por Dora Ferreira da Silva e tinha também os comentários dela, as análises.

Logo que cheguei em São Paulo, fui procurá-la em sua casa. Me apresentei: “Eu conheço o seu trabalho, a sua tradução das Elegias de Duíno, do Rilke. E seus poemas sobre a Koré. Koré”.

Na casa dela a gente se reunia para ler poesia. Ela, o Dr. Milton Vargas, o Celso Paulino, José Geraldo Nogueira Moutinho era o grupo que publicava a Revita Cavalo Azul, que tinha muita poesia, mas também outros tipos de texto.

Dora foi uma grande tradutora. Ela traduziu “O Eu e o inconsciente, de Jung”, do original em alemão. Ela pertenceu também ao grupo dos primeiros Junguianos em São Paulo. Traduziu também “Memórias, sonhos e reflexões”, que é a autobiografia de Jung, O “Aion”, além de outras traduções de Jung para o português que coordenou. Ela tinha que ter tempo sempre para escrever suas poesias.

Era um clima muito gostoso na casa dela, uma casa linda, com um jardim. A casa ficava no fundo do terreno, tinha uma árvore de magnólia grande, umas roseiras e no fundo a casa com um sótão. Por um tempo fiquei morando nesse sótão, e como ela não sabia cozinhar, eu que cozinhalva. Fazia as compras no supermercado, preparava as comidas que ela gostava de comer.

Nos trinta e poucos anos que morei em São Paulo, mais morei na casa da Dora do que em meu apartamento. Era o lugar que

eu tinha para desaparecer. Era uma amizade que não tinha fim. Um convívio. Foi a pessoa que eu mais gostei na vida. Quando a Dora morreu, eu queria morrer logo em seguida. Foi quando tive o infarto. Eu não aguentei a morte dela. Achei que ia morrer também. Eu queria. Não conseguia viver a vida sem a Dora.

Durante 42 anos foi tudo de bom que eu tive na vida. A compreensão e uma sensibilidade profunda. Uma grande artista. Tínhamos afinidade total, não precisávamos ficar conversando muito. Mas todo poema que ela escrevia, a primeira cópia datilografada era para mim. Eu tinha que ler esse poema e falar o que achava. Foi assim durante a vida inteira.

Era 2003 ou 2005. Não guardo muito data de morte. Eu tinha falado com ela por telefone. Ela tinha me mandado doze poemas baseados em Beethoven - La Passionata. Só de você ouvir La passionata você já... É uma das coisas mais lindas de música que existe. Tem muitas interpretações excelentes de La passionata.

E aí, terminou, Dora?" Eu saquei que ela estava fechando o livro da vida. Ela falou "Doze. Não está bom? Fechei." Ainda tem os avulsos, que é o leque: umas cenas de teatro, meio mundanas. Eu falei: "Mas escreve mais. A Passionata está pedindo mais ainda". Eu estava negociando com ela, porque sabia que ela estava dando um adeus. Ela falou: "Quando você vem?"

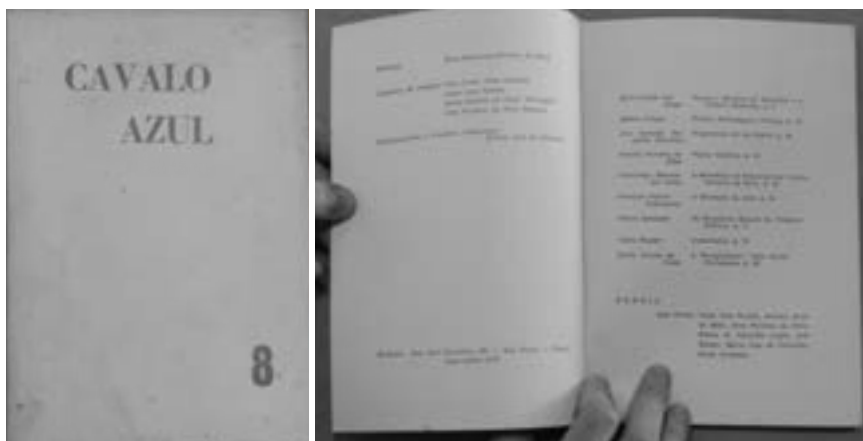
"20 de abril" la morreu dia cinco. Dessa vez eu não vou ficar no sótão, nem no quarto ao lado do seu, a não ser que você queira. Eu posso ficar num hotelzinho lá na alameda São João, que é barato, eu fico."

"De jeito nenhum, vou arrumar sua cama, venha sim."

"Mas antes eu tenho que terminar uns desenhos que eu estou fazendo da paixão segundo São Mateus."

"Tá. Mas você está vindo?"

"Estou."



Revista Cavalo Azul, editada por Dora. Acervo pessoal de Edmar de Almeida.

Eu estou com a Maria Virgínia, dentro de casa, uma amiga dela, Miriam Abdala, o portão eletrônico fechado. A porta de entrada da casa fechada à chave. Só estava o computador ligado, com os poemas da Passionata caindo, eu estava lendo. A maçaneta da porta... Como alguém que quisesse entrar. A Virgínia viu, a Miriam Abdala também. Ligo para a Bruna e para a Florença:

“Edmar, mais uma habitante na Jerusalém celeste... A Inesita falou que a última pessoa com quem ela falou foi você.”

“O que ela falou, ela mandou algum recado para nós?”

“Mandou.”

“Qual é, Florença? Qual é?”

“Ela disse, você fala para o Edmar e para todo mundo: Eu fui para o Paraíso, mas eu fui por um atalho, discretamente, por uma via desconhecida, calçada de pantufas de feltro, para não fazer barulho.”

Hippie Chique

Todo mundo tinha que ter estilo. Eu andava bem vestido, porque não queria ser tratado como Hippie. Às vezes eu tinha que me disfarçar de Hippie-chique para enganar a polícia. E enganava até certo ponto. Porque um dia, entrei nessa de hippie-chique... Estava na casa de umas amigas e tinha que ir à inauguração, no Ibirapuera, de uma exposição do Gabriel Borja e da Mira Schendel. Elas me disseram: “Se você vai, você tem que ir produzido.”

Era anos 1970 e a doideira era muito grande. Uma das amigas passou uma espécie de henna no meu cabelo, e eu fiquei com o cabelo azul, horrível. Na ponta ela amarrou sininhos pequenininhos. Eu balançava a cabeça e os sininhos tocavam. Aprontei para ir à exposição, estavam me esperando. O Babinski chega antes lá em casa e fala: “Eu sonhei que você tinha sido preso. Ou que vai ser preso hoje.” Esqueci o toque que o Babinski tinha me dado. Saí de casa. Pensei em passar na casa de Dora antes, era perto do Ibirapuera. Lá pelas seis horas passei na casa de Dora e ela teve o pressentimento também.

“Edmar, não vai agora não. Vai mais tarde.”

“Não, Dora, eles estão me esperando, eu tenho que ir!”

Aí ela sentou no cravo. “Não, não vai não. Ouça essa peça aqui que eu estudei.” Ela tinha um clavichord e tocou, tentando ganhar tempo comigo. E eu devia ter sacado. Eu estava fantasiado. Era uma calça de veludo boca de sino, uma túnica indiana, um bolero bordado de toureiro, comprado em antiquário, e uma pele de macaco igual à do Mick Jagger, que vinha até o joelho, felpuda, preta. Uma marmota total. Vou a pé. Saindo da casa de Dora, quando acabo de atravessar o monumento Brecheret, vejo as viaturas de polícia parando

e as baionetas nas minhas costas, na frente, tudo. Me senti como São Sebastião, cheio de coisas querendo me furar. “Tá preso.”

Meu deus do céu. Estou preso por conta do que? Enfio a mão no bolso, nem carteira de identidade. Saí tão doido de casa que nem carteira de identidade eu tinha. A viatura virou, passou em frente à casa da Bruna e da Florença, eu falei “Gente, para aqui um pouquinho, pergunta quem eu sou!”. Nada. Me levaram para a delegacia do Brooklyn. Pensei que estivessem me confundindo com Abrãozinho de Moraes, que tinha chegado de Paris, a gente era parecido. “Eles estão me confundindo com ele.” Ele era da guerrilha, luta armada. Filho do professor Abrahão de Moraes, o astrônomo. “Eles estão me confundindo.” E foi mesmo. Eu cheguei na delegacia vendo um torturado assim passando, todo machucado, fincado num pau de arara. E o Fininho todo desfigurado, antes de morrer. Sento na sala do delegado. “Agora é fazer um teatro.” Falei:

“Doutor delegado, vocês estão me confundindo. Eu não sou o ... de Moraes.”

“Então mostra seus documentos.”

Eu não tinha. Em plena ditadura, você sair sem os documentos, era a pior coisa do mundo. Não sei, acho que eu botei no bolso caiu, sei lá...” Eu não sou ele. Eu estava indo a exposição no Museu de Arte Moderna. Você pode conferir que tem uma exposição abrindo lá no MAM. Eu estava atravessando, saindo da casa de Dora Ferreira da Silva, a pé. Estava atravessando a rua quando me prenderam. O senhor podia me fazer um favor? Telefona para a casa de Dora Ferreira da Silva para verificar.”

“Qual o número?”

“...464.”

“[Liga] Dona Dora Ferreira da Silva? Tem uma pessoa aqui que diz se chamar Edmar José de Almeida.”

“Sim, grande amigo. Ele saiu daqui de casa tem meia hora para ir a uma exposição no Ibirapuera.”

“Senhora conhece?”

“Conheço sim. Não só conheço, como ele frequenta a minha casa e a do meu amigo, Professor Miguel Reale [que era de extrema direita]. Quando o Professor Miguel Reale vem, ele também vem e participa das reuniões.”

“Liberado.”

Posso ir embora?”

“Pode.”

Era o álibi. Falou o nome de Miguel Reale, pronto. “Mas eu não tenho dinheiro para voltar pro Ibirapuera. Aqui é longe, estou no Brooklyn. O senhor podia mandar a rádio-patrulha me levar... Só que eu não quero ir atrás, não. Quero ir na frente. Porque dessa vez eu não estou preso! Estou liberado. Então quero ir na frente.” Ele riu. Viu que tudo era verdade. E fui daquele jeito, com os sininhos pendurados, no tempo do Raul Seixas... Antes de sair eles conferiram por telefone com a Bruna também: “Não, é coisa de artista. Ele é ótima pessoa. É coisa de artista.”

Chego no Ibirapuera, o cara dirigindo e eu ao lado, vestido com aquela roupa de hippie-chique. Desço e já olho para cima, no segundo andar, para ver se conhecia algum dos amigos lá. Bato o olho e vejo a Eli Bueno, o Alan Maia, Gabriel Borba e a Lígia Jordan. Na hora que eles sacam que eu não estava de carona... Eu estava sendo devolvido, talvez, mas eu tinha passado por uma daquelas. A Lígia Jordan desce com um copo de Whisky para mim e a Mira me pega pelo braço. "Que coisa formidável Edmar? Só você mesmo para fazer um happening tão interessante. Olha o happening que ele fez, ele veio na rádio patrulha, só ele mesmo! "

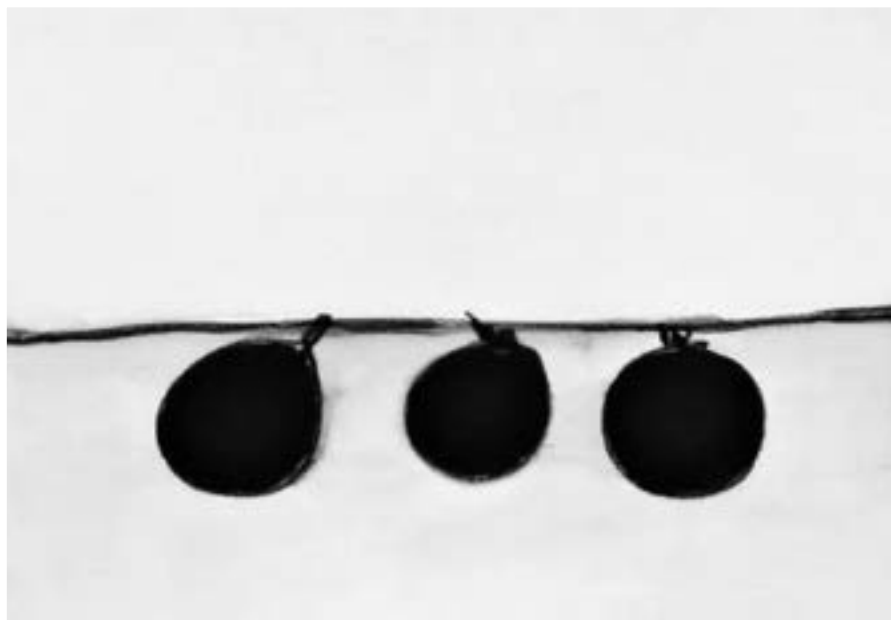
E eu lá ainda com as pernas tremendo de medo, saindo da prisão, do DOI-CODI e a Mira me alugando. "Mira, não é nada disso. Pelo amor de Deus!". Aí a Lígia chega, me dá um copo de Whisky, me dá o braço e eu subo a rampa, ainda com as pernas tremendo. Chego no saguão da exposição e todos se reúnem - o Gilberto Hunger, Clara Ernesto Hunger, o Alan Maia.

"Como é que foi Edmar?"

"Foi. Felizmente estou aqui, sem lenço, sem documento. Depois eu preciso de alguém para me levar em casa porque eu estou sem lenço, sem documento e fantasiado não sei para que!"

Mira Schendel

Sinais, Mira Schendel.



A Mira ia muito ao meu ateliê. Uma vez ela ganhou o prêmio de aquisição da Bienal de São Paulo. Estava felicíssima. Passou lá em casa para eu ajudá-la a comprar roupas para a ocasião. Fomos à camisaria Mozano, que era a melhor camisaria de São Paulo. “Lá tem de bolso, sem bolso... você que é artista pode botar lápis, carteirinha... vai ficar ótimo. E a parte de couro, nós vamos comprar num amigo meu - Spinelli.”

Ele fabricava os sapatos mais bonitos de São Paulo. Tinham as correias muito bem feitas. E as bolsas da Valquíria, mulher dele. Eu trocava desenhos com a Valquíria Spinelli por ótimos sapatos. Era linguagem de época em São Paulo. Primeira coisa

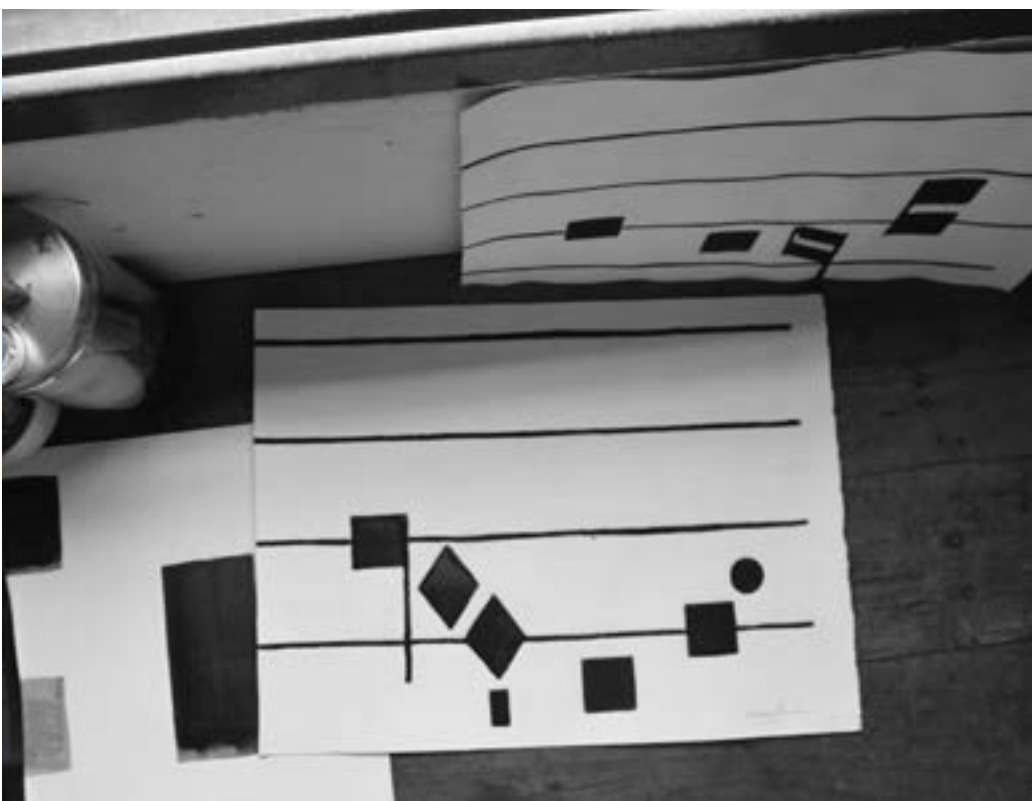
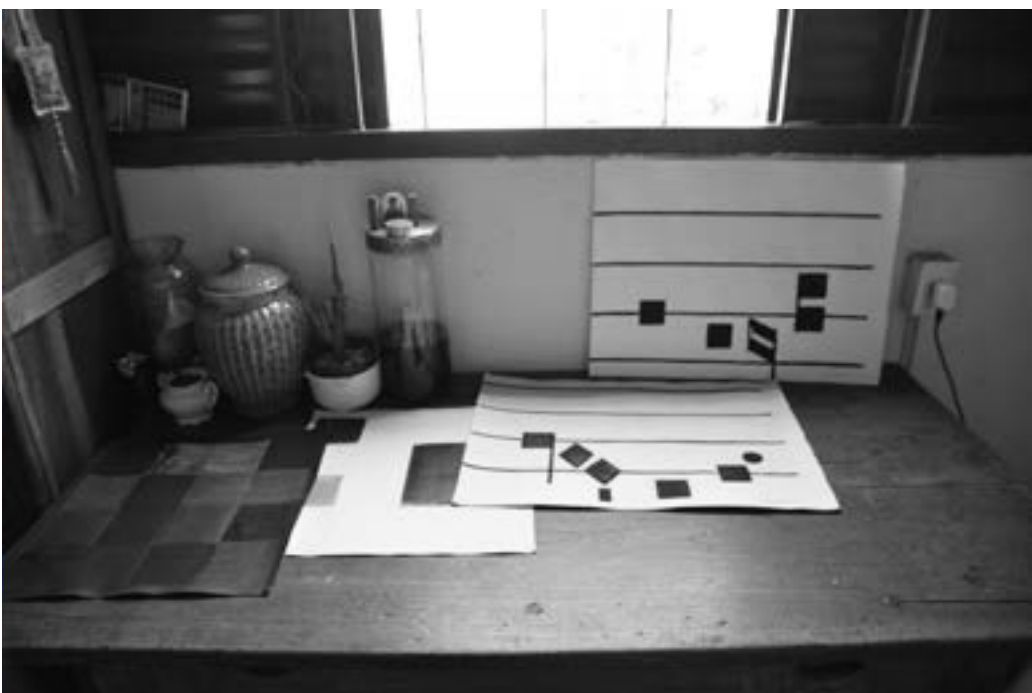
quando você era apresentado a uma pessoa, ou você ia à casa de uma pessoa... Eles olhavam para os seus pés. Isso eu saquei de cara. Fiquei surpreso... Isso era 200 anos de Brasil... Antes de olharem para sua cara eles vão olhar para o seu sapato. Também compramos uma calça de veludo cotel.

Mira mereceu esse prêmio. A Bienal de Veneza também. Tudo o que ela fez... Trabalhava muito. Gravuras impressas em papel de arroz. Tinha o desenho gráfico lindo, construtivista. Fez muitas capas para a Editora Brasiliense, primorosas! Você conhecia quando a capa era da Mira. Até hoje, de bater o olho dá para identificar.

Aos 17 anos, fugiu pela Europa do genocídio nazista. Carregava os assombros da cerca elétrica, dos fornos, da fumaça. Uma vez me contou que alguns judeus que ainda estavam vivos quando a fumaça dos corpos queimados subia, rezavam, porque viam as almas indo para Javeh.

Ela quis me dar algumas de suas gravuras. Eu falava: “Não Mira, deixa para Mudi.” Era a filha dela que tinha 9 ou 10 anos. “Você dá suas coisas para todo mundo!” Eram calcografias, de chorar. Uma cerca de um campo de concentração, na neve... E embaixo está escrito assim: Oh Dio, que miséria. Não quis. Eu fiz bem de não querer. Achava que devia deixar para a menina, porque ia ter muito valor financeiro um dia, como de fato tem.

Com os tempos, ela se converteu ao Cristianismo. Aí você chegava na casa dela e tinha vários frades dominicanos, teólogos, em discussões longas e profundas. Ela era uma doutora em teologia, sabia o alemão muito bem, italiano e inglês. Acompanhava o pensamento de Wittgenstein, a fenomenologia e a teologia negativa. Eu aprendi muito com a Mira. Com ela e com a Dora. Elas manejavam muito bem os conceitos alemães. O vazio... A entrega total para o vazio, gelassenheit. E o aberto, offenheit.



Janete Costa

Minha amizade com a Dona Lina foi uma grande experiência em relação à arte popular, ao artesanato e a tudo mais, mas ela tinha um olhar vindo da Europa, de sua formação italiana. Já a Janette era um produto genuíno brasileiro.

Ela era uma figura fascinante, ainda mais com o seu falar pernambucano. Tinha a capacidade de viajar pelo interior de Pernambuco, passando pela casa de cada artesão, e quando batia o olho no trabalho:

“Dá pra você me fazer isso com três ou quatro metros de altura?”

“Dá, Dona Janete.”

“Quanto você me cobra?”

“200,00”

“Eu vou te pagar 2.000,00.”

Foi uma pessoa de grande sensibilidade. Tirava dinheiro dos donos de hotel, mas nunca pegou comissão dos artistas. Sempre que podia, nos incluía em algum tipo de trabalho. Uma vez, ela conseguiu vender 800 gravuras minhas.

Conheci ela aqui em Uberlândia, na época em que o Acácio Borsoi estava trabalhando no centro administrativo. As senhoras da Associação Uberlandense de artistas plásticas me expulsaram, condenaram, coisa barra pesada da extrema direita.

E a Janete falou uai, uai, o que é isso? quem são vocês? quem é ele?

Assim a gente se conheceu e ela tomou as minhas dores.

Se o circo fechou contra você aqui em Uberlândia, então saia, fica fora um ano e quando você retornar eu entro em contato com você.

Enquanto estive em São Paulo, cumprindo o meu exílio de Uberlândia, me hospedei por um tempo na casa de Maria Lúcia Montes, uma amiga em comum. Janete sabia que eu estava sem dinheiro, e ela estava trabalhando em um desses hotéis internacionais de luxo, perto do aeroporto de Guarulhos. Seu trabalho era decorar quarto por quarto. Certa tarde, foi à casa de Maria Lúcia. Eu estava desenvolvendo um trabalho em relevo. “O que você está fazendo, meu filho?”

“Estou fazendo tudo branco no branco, relevo seco.”

“Adoro! Estou acabando de fazer um hotel, vou te encomendar essas gravuras”.

“Mas Janete, eu não tenho nem dinheiro para imprimir isso em São Paulo”.

“Não, a firma imprime e manda pra você assinar os pacotes. Você assina as oitocentas e manda de volta, transporte pago”.

Ela trabalhava com decoração, em espaços de luxo, com clientes riquíssimos. Pensei que fosse me encomendar 40 gravuras, mas foram 800! Essa não foi a única vez que Janete me salvou, me tirou da pobreza. A partir daí, começou a me chamar para andar com ela, sobretudo no Rio e em São Paulo. Tivemos uma grande amizade.

Ela tinha sempre o apoio do Dr. Borsoi, eles formavam um casal fortíssimo. Discutiam, mas se entendiam, tinham uma relação muito forte de criatividade, de companheirismo e identidade, de pensar as coisas juntos. Só que ela sabia fazer mais dinheiro do que ele, era impressionante. Ria, falava sempre “A gente joga na parede, se colar colou, se não colar, joga na outra parede”. Estava sempre tentando.

Certa vez, estávamos em São Paulo: “Edmar, vamos tomar café da manhã no hotel e depois vamos naquele bairro onde se vendem produtos para restaurantes”. Era aquela muvuca de gente, com barraquinhas de roupa, camelôs e tudo mais. Ela queria comprar 300 cálices pequenos, de servir aperitivo.

Compramos os cálices e voltamos para o hotel onde estava trabalhando. Isso tudo era porque queria vender um quadro meu, desses branco com branco, para uma senhora turca que era dona do Pérغامo. Janete estava “jogando na parede” mas não estava colando, a senhora não estava comprando. Então ela fez uma luminária, igual Flávio Império faria. Usou um alicate, ia enrolando os cálices com a mão, com um arame. A princípio pareciam esses enfeites de Natal, vários cálices grudados. Ela me dizia “Eu comecei a minha vida assim, estava muito pobre em Niterói, com quatro filhos para cuidar. Passei em frente à loja Sloper, olhei para a vitrine e logo pensei em pedir um emprego”. Ela fazia vitrines, eram todas lindas, um sucesso. Ficou linda a luminária que ela fez com os cálices, iluminou lindamente o quadro, e a dona do Pérغامo comprou e ainda ia comprar mais outro.

Janete Costa tinha o maior brilho. Quando morreu, foram 8 mil pessoas ao seu enterro, eram oito mil pessoas chorando e cantando.

Silêncio e Trabalho

Eu tinha que fazer análise todo santo dia, pra conseguir estruturar as invasões do inconsciente. Andava sempre com um pé na rua e outro no passeio. Fiquei sabendo de uma senhora alemã que tinha alguns teares em casa e ensinava as pessoas a fazer cachecol, xale. Consegui comprar um tear manual com ela. Eu não queria fazer artesanato, tecia para a realidade e a percepção voltarem, para os delírios não ficarem excessivos.

A Dora me levou até o Dr. Leon Bonnaventure. Eu não queria fazer análise freudiana. “Justamente, chegou um junguiano novo em São Paulo, é aqui pertinho.” E me levou lá.

Dr. Leon negou, não queria pegar o meu caso porque dizia que análise junguiana se faz apenas depois dos 35. Dora dizia “Mas ele está surtado, o senhor vai ter que ajudar, não vai ter como”. Ele não tá ligando as coisas direito. Mas eu não posso. O senhor podendo ou não podendo, vai ter que aceitar. E sabendo que ele estava estudando Santa Tereza, citou algo dos escritos dela para ele.

Logo que começamos, Doutor Leon me disse olha, você vai ter que fazer análise todo santo dia. Não vou ter como pagar. Vai pagando fazendo fichas pra mim, para a minha tese. Era uma antropologia sobre Santa Tereza d’Ávila. Trabalhei com ele, nos primeiros anos eu ia todos os dias. Escrevia meus sonhos e levava. Quando dava eu ia de táxi porque no caminho poderiam me prender. Até sábado ele me recebia. Me salvou, porque os meus amigos todos estavam sendo presos, torturados, exilados. Você não tinha um cotidiano normal, ninguém tinha um cotidiano normal.

Então nesse período eu fiz mil e tantas fichas, para a tese

do doutor Leon. Ficaram faltando dois capítulos sobre o demônio. Ele e a esposa trabalhavam muito e não estavam dando conta. Edmar será que você dá conta de terminar pra mim? Olha, o meu francês não é lá grande coisa mas eu vou tentar, e fiz. Tanto que Rogério Bastille falou que esses últimos capítulos ficaram com um francês macarrônico. Eu consegui terminá-los porque no final já não acreditava mais no demônio.

Tem o livro das cartas de Santa Tereza, editado pela fundação do México. As pessoas conhecem mais outros livros dela, as moradas, o caminho da perfeição. Mas esse é o mais engraçado, porque ela tem um senso de humor ótimo. Passava as noites em claro escrevendo, porque tinha que apresentar-se ao tribunal da inquisição todos os dias. Estive lá na fortaleza, em Ávila, na Castilha. Região que nem o cerrado aqui, mais deserto ainda, mais seco. Fui nas Carmelas, conhecer os conventos nos quais ela organizou reformas. Ela esteve à frente da reforma de dezesseis conventos. Os conventos na época eram entulhados de gente, porque os homens todos tinham vindo para o Peru, México, ficou muito vazio de homens. Os conventos tinham 150, 200 pessoas, era o lugar das moças que não se casavam, mais até do que mesmo um convento. Nas reformas, Santa Tereza orientava a prática à regra antiga, a regra do silêncio e do trabalho manual.

No final da vida, rogava que não passasse mais pelos êxtases, porque seu corpo não aguentava mais. Foi muito perseguida, a vida inteira. Quem a ajudou foi Felipe II, rei da Espanha. Ela conta de um vigário português que ficava perseguindo ela e as irmãs, só lhe restou apelar para Felipe II e ele a recebeu. Devia ser um esplendor porque a Espanha na época era a dona do mundo, aquele lux, requinte total. Tudo, as roupas, as jóias, a etiqueta da corte espanhola. Felipe II dizia que ela foi a vênua mais elegante, mais bonita que eu vi em toda a minha vida. Tratou-a muito bem.

Silêncio e trabalho manual, a regra de São Bento.

REPASSOS, UM ÊXTASE



Deposição da Cruz, Exposição Repassos, 1975. Acervo do MASP.





Imagens da Exposição Repassos, acervo pessoal de Edmar.



A exposição Repassos durou cerca de um mês e meio durante o ano de 1975, e eu a visitava todos os dias, inclusive aos finais de semana. Às vezes enchia, às vezes não, mas em geral foi muito frequentada, iam muitos nordestinos e excursões de colégio. O nosso povo é muito religioso, se identificava com as imagens: uma vez foi uma beata acender uma vela para uma das obras.

Durante o trabalho na região do Triângulo Mineiro, íamos às casas das tecedeiras, eu, Dona Lina, Flávio Império e Luís Osaka. Luís levava sempre uma polaroid, era um sucesso! Dávamos as fotografias para as pessoas e isso abria todas as portas, porque as pessoas gostam de guardar a lembrança. A fotografia tem esse efeito.

Visitávamos várias tecedeiras. Em Martinésia vivia Amarulina, uma senhora que morava em um barraco, era bem pobre. Dona Lina adorou conhecê-la, porque ela passava o dia secando carás em um giral. Fazia tinturas do anil, do urucum, da ferrugem. Fiava e morava num casebre, numa casa muito simples de taipa. Tinha o banheiro do lado de fora, no fundo, sem porta. Conheci Amarulina quando andava pelos distritos de Uberlândia em busca de receitas.

Um dia, cheguei em sua casa.

“A senhora tece?”

“Teço. Agora não muito, não tem mais serviço.”

“Mas para que serve isso aí?” [Olhei ao redor e tinha uma corda pendurada, como uma forca.]

“Porque eu vou me matar.”

“Por que a senhora vai se matar?”

“Não tenho mais serviço.”

Ela estava passando muita necessidade, não tinha a quem recorrer. Sempre que a Dona Lina vinha aqui, a gente ia à Martinésia visitar a Amarulina. No texto que Dona Lina escreveu sobre a exposição, ela fala um pouco de Dona Amarulina. Sempre íamos também à casa de Dona Maria e do Zé Egídio, no bairro Brasil.

A exposição tinha um fundo musical bonito, com as fotos em preto e branco do Luis Osaka. Na porta, de vez em quando soava um berrante, para chamar as pessoas na rua. Nunca mais teve no MASP exposição como A Mão do Povo Brasileiro e a exposição Repassos, tão impactantes. Falo de impacto popular mesmo, porque enchia de gente.

Os filmes do Flávio eram projetados no fundo da exposição, em uma tenda que ele montou. Uma das cenas foi escandalosa: certo dia estava o Flávio com a câmera aqui no sítio e fomos até a capela de Santo Antônio. A capelinha estava cheia de esterco seco, bosta de vaca para fazer algum reboco ou para as tinturas de ferrugem. “Vamos começar o filme agora. Entra na capela”.

Imagina, eu era muito jovem. Ele, um grande professor, grandíssimo em São Paulo. E eu tinha o maior respeito, mas não tinha tanta intimidade. “Tira a roupa toda e abre a porta.” E eu tirei, apareço no filme pelado, literalmente pelado. Até hoje eu tenho vergonha disso, porque eu era muito magro, pesava uns 48 quilos. E assim começava o filme: eu, pelado,

na porta da capela, com uma voz narrando ao fundo: “Edmar José de Almeida: filho de Seu Edmar e Dona Aurora”. Logo em seguida aparece um bezerro mamando nas tetas de uma vaca, e em sequência aparece meu pai, minha mãe...

A minha vida começou aí. Antes eu já tinha feito uma exposição na galeria do Bento de Almeida Prado, em Itapeverica da Serra, mas era uma coisa de granfinos, de tapeçarias, que até me valeu uma crítica muito bonita do Geraldo Ferraz, grande crítico de arte que o Brasil teve. Na exposição Repassos, eu tive que enfrentar um tal de Telmo Martino, que tinha uma língua bifurcada, terrível. Ele escrevia todos os dias no Jornal da Tarde, e todo mundo lia. Ele ficava perseguindo a Dona Lina depois do Sesc Pompeia, acerca dos móveis que falava que eram Bauhaus-inquisição. Ele fez a Dona Lina sofrer por anos, o tal do Telmo Martino do Jornal da Tarde, o maior fofoqueiro de São Paulo. Eu não lia muito, mas me contavam. Sobre a exposição, ele publicou: “Edmar de Almeida tira a sua roupa e aparece pelado, se achando Marilyn Monroe, o mínimo. Ou um discípulo de Andy Warhol”. Estava mais para Andy Warhol, na cabeça do Flávio. “Se achando um star”. Eu nunca me considerei assim, aquilo acabou comigo.

Flávio fez uma tenda no fundo da sala, para passar esse filme. Ia uma porção de meninas do Sacre Couer, dos colégios católicos, das excursões de arte sacra. Mas elas não iam para ver arte sacra coisíssima nenhuma, iam para ver o rapaz pelado! Quando eu descobri isso, preferi ficar calado, e pessoalmente eu não aparecia muito como o dono da nudez. “Flávio, isso está me dando trabalho até hoje, essa peladice, eu respondo por ela até hoje”. Mas as meninas iam, decerto as freiras deixavam porque era o primeiro homem nu que elas viam.

As tapeçarias foram desenvolvidas em parceria com as tecedeiras, sempre a partir de um desenho meu, pois muitas delas não sabiam desenhar. Dentre as obras, a mais impressionante foi a Deposição da Cruz, uma imagem de



Nossa Senhora da Piedade com o filho em seus braços. A peça pesava cerca de 200 kg, foi tecida por mim e por Darli, grande amiga de Uberlândia. A peça era tão grande que para tecer precisamos montar andaimes dentro do apartamento.

O momento político era muito forte porque as pessoas eram torturadas e mortas nas prisões. Uma imagem pode falar em um minuto mais do que um livro inteiro, e essa deposição enorme, tecida em crina de cavalo, é até hoje uma peça forte. A exposição tinha um fundo musical bonito, fotos em preto e branco do Luis Osaka e o filme do Flávio Império que gravamos aqui no sítio. Nunca mais tive no MASP exposição tão impactante quanto Repassos e A Mão do Povo Brasileiro. Falo de impacto popular mesmo, porque eu visitava as exposições todos os dias e via muitos nordestinos, excursões de colégio. Na abertura estiveram presentes muitos intelectuais de São Paulo, figura das artes, da música. O jornalista Vladimir Herzog encomendou filmagens sobre a exposição, o que gerou grande conflito político. Poucos dias depois, foi detido pelos militares, torturado e morto. Funcionários da Secretaria de Cultura pegaram no MASP os rolos de filme que ele tinha feito e jogaram fora.

Comercialmente, a exposição foi um fracasso, não vendemos nada. A primeira peça foi comprada por Milton Vargas como doação para uma capela em Itatiaia. Ele pagou um bom preço, para ajudar a viabilizar a exposição. Como fonte de recursos, eu fazia também pequenas aquarelas, que Flávio Império vendia para seus amigos de São Paulo e enviava o dinheiro a Uberlândia, para que eu pudesse pagar as tecedeiras.

Dentre todas as obras, a que chamava mais a atenção era a Deposição da Cruz, enorme, feita em crina de cavalo. No último dia da exposição, o Professor Bardi tentou vendê-la para o Palácio dos Bandeirantes, e por pouco não conseguimos. Entrou então no MASP um senhor muito rico, devoto de Santa Teresinha, dono de uma faculdade que levava o nome da santa. A peça foi avaliada em cerca de 100 mil reais, e este senhor comprou como doação às Carmelitas Descalças, que estavam se estruturando em Mairink.

No dia seguinte, fomos juntos ao Carmelo, e o caminhão ia atrás levando a peça. Mesmo sem aviso, quando chegamos a Madre já nos esperava, porque ela sabia das coisas antes que acontecessem. Estavam cerca de 12 carmelitas fora da clausura, “esperando pelo sr. e o garoto”. Ela me convidou a ficar alguns dias na ala dos hóspedes no Carmelo, para ajudar na instalação da peça na igreja.

Fui muito bem recebido e tive a oportunidade de conhecer a história de cada uma das que estavam ali. Passava o dia trabalhando na montagem da peça, até que às 17h elas me convidavam para acompanhar seus recreios, sempre muito animados. Cada uma tinha a sua personalidade, sentadas em um banquinho, a Madre pedia que me contassem as histórias de como chegaram ali.

Madalena tinha sido casada com um grande empresário, dono de uma empresa de sardinhas em Portugal. Ela pertenceu à alta sociedade do Rio de Janeiro, tinha uma das casas mais luxuosas da cidade. Viajava todos os anos para a Europa, acompanhada de uma comitiva de serviçais. Em

certa noite de réveillon, encontrou seu irmão de smoking, caído no chão com um tiro no peito. Ele lhe disse “Sai dessa vida enquanto é tempo”, e na mesma noite ela foi ao encontro de uma irmã que já era religiosa, se juntando assim à Ordem das Carmelitas Descalças.

Teresinha era de família xintoísta, ligada ao Budismo. Moravam no Paraná, quando houve uma grande geada que acabou com a produção de café. Ao acender uma lata de querosene para afastar o frio, do fogo apareceu Nosso Senhor Jesus Cristo, que falou para que ela fosse ao convento das Carmelitas na cidade de Tremembé, em São Paulo. Apesar de ser de outra tradição, sua família aceitou. Teresinha se juntou às Camerlitas, e as companheiras tinham sido avisadas de sua chegada.

Iam contando, passando pela história uma por uma. Maria Electa tinha o dom da ubiquidade, conseguia sair do corpo. Ela era baiana, muito divertida, e escondia terroristas e armas debaixo da cama. Quando a Madre a chamava a atenção ela dizia “Coitados, estão batalhando pela liberdade do país, é só por uns dias”.

“Você fica assombrando para lá e para cá por São Paulo?”

“Não, Madre, eu estava ajudando um homem que queria se suicidar.”

“A sra não está ajudando, está atrapalhando, apavorando esse pessoal lá no Viaduto do Chá!”.

Quando chegamos com a tapeçaria, Madre Maria Antonieta ficou muito emocionada. O Carmelo era dedicado a Nossa Senhora da Piedade, e a chegada da obra serviu como um sinal. A peça pesava quase 100 kg, demoramos dias para preparar a montagem, posicionar as cordas para içá-la no altar. Quando já estava tudo preparado, entrou na capela um padre um tanto louco, conservador, que fazia parte da TFP, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família Propriedade. Veio me dizer que a peça não poderia subir ao altar “porque você fez um cristo e não escondeu seu sexo”.

É claro que eu tinha escondido, mas debaixo do pano tinha um volume, era perceptível seu órgão sexual. “Ele não era castrado, era?”. Começamos uma briga feia.

“O olhar que é sujo só vê as coisas sujas; o olhar que é limpo consegue ver as coisas limpas”, lhe contestei. Lembrei-me do filósofo Pascal, que dizia “Qui veut être un ange, devient une bête”. Quem tenta ser anjo, vira uma besta: aqueles que se consideram santos são as piores pessoas. A briga foi tamanha que por um momento pareceu que a peça realmente não subiria ao altar. As carmelitas, que já me conheciam, começaram a balançar suas saias, suspendendo-as na altura da cabeça. Gritavam para o padre “Anátema! Anátema”, com seus calções aparecendo. Elas convocaram Anátema contra ele, que para a Igreja significa o absurdo maior. O Padre saiu correndo e eu chorava de ódio, Maria Electa me puxou pelos braços, correndo clausura adentro em direção à cela onde estava a Madre. Eu chorava, Madre Maria Antonieta me consolava:

“Só existe pecado a nível da intencionalidade. Quando você teceu essa peça, qual foi a intenção? ”

“Fiz a peça para lidar com essa situação de morte e tortura. Perdi uma irmã jovem que nos deixou três filhos pequenos, e tenho muitos amigos no DOI-CODI.”

Ela sabia que era verdade. “Vou pedir a Deus Nosso Senhor para acabarem as torturas no Brasil”. Ela estava sentada em um banco e de repente subiu no ar, flutuando três metros acima do chão. Eu olhava o seu rosto, ela tinha cerca de 50 anos, mas sua imagem foi rejuvenescendo, mudando para 40, 30 até 20 anos de idade. Ela estava cheia de luz e em suspenso no ar. Quando voltou à gravidade, pediu para que eu não contasse a ninguém.”Aa senhora me desculpe, mas essa eu não seguro. Não posso prometer, é maior do que eu”. Pediu que eu esperasse pelo menos até o dia de sua morte, que veio em sete de setembro do ano seguinte.

A Madre tinha conseguido a graça pedida a Deus, e eu poderia ficar no Carmelo por mais uns dias até que terminássemos o trabalho. Depois desse evento eu fiquei quebrado, meu corpo todo doía. Só de presenciar parecia que eu tinha levado uma surra, quando voltei para São Paulo fiquei dias de repouso na casa de um amigo.

Quero contar isso pra escandalizar, porque o êxtase vai além da categoria tempo e espaço, rompe com os limites do corpo humano. Santa Teresa De Ávila tinha êxtases com frequência, imagino que para ela no final tenha sido cansativo. Todos que passam por isso ficam com o corpo quebrado, Sira ma Krishna passou a vida em êxtase e seus discípulos o massageavam constantemente. É uma experiência humana, porque acontece com os humanos, mas vem de uma realidade que é extra humana.



Deposição da Cruz, Exposição Repassos, 1975. Acervo do MASP.



Quando chegou o dia da inauguração do Carmelo, elas se despediram das famílias e deram seus votos de clausura. Neste dia, ocorreu também o assassinato de Wladimir Herzog pelos militares. Dom Evaristo Arns veio de São Paulo para a cerimônia, e me disse para sair do país. Eu não tinha essa intenção, pois tinha trabalhos encaminhados e minha mãe estava doente, não queria ir embora. Por outro lado, a cada dia via os meus amigos serem perseguidos e torturados.

Nessa época estava em vigor o imposto compulsório, que cobrava o equivalente ao preço de um apartamento para qualquer um que quisesse sair do país, então o único jeito de viajar era clandestinamente, ou sobre a custódia de um governo estrangeiro. Dom Evaristo entrou com um pedido de custódia para a Itália, e articulou para mim uma bolsa de estudos em Roma. Passei o ano seguinte aguardando a viagem, recluso no sítio em Uberlândia. Entre 1976 e 1979 estive fora do Brasil.

Foi bom e foi ruim, porque a Itália estava passando por um período muito interessante do euro-comunismo. De qualquer forma, todos estes acontecimentos estão interligados através da exposição Repassos e da peça A Deposição da Cruz.

A exposição foi uma grande pesquisa sobre a tecelagem, e serviu como sugestão para o Governo de Minas preservar e zelar pelo ofício. Em 1975, coloquei o nome de Uberlândia nessa possibilidade de ter um futuro centro de tecelagem. A verba veio para o município na primeira gestão do governo de Zaire Rezende e pôde ser feita a construção do Centro de Tecelagem, com projeto arquitetônico de Roberto Andrade e Eliza Guerra. Durante o governo de Paulo Ferolla, fui chamado para organizar a estrutura do centro, onde tive como braço direito a socióloga Virgínia Casado. Divulgamos o projeto nas rádios locais da região, procurando por tecedeiras e fiandeiras.

Como política de educação, adolescentes recebiam meio salário para frequentar o centro de tecelagem, com a contrapartida de estarem regularmente matriculados em uma escola. As aulas seguiam o método de São Bento: silêncio e trabalho manual, Santa Teresa D'ávila resgatou esses valores nos conventos que reformou. Aqui os alunos aprendiam observando as tecedeiras, pois partíamos do pressuposto que o trabalho silencioso ajudaria todos eles a estruturarem sua personalidade.

Trabalhamos os repassos dos fazeres e dos saberes. Não é só o repasso técnico, do tecer, mas também da história e da cultura, por isso dos fazeres e dos saberes". Repassos, fazer de novo o passado, pisar de novo nos passos, repassar para frente e a técnica do tecer, tecer as histórias.

